

Este foi um dos excertos analisados e traduzidos ao longo do semestre na disciplina de Tradução de Textos Literários em Língua Alemã, com a docente Doutora Dalila Lopes.

É a história de um indivíduo insatisfeito com a sua rotina diária, que altera o nome de todos os objectos que o rodeiam criando quase uma linguagem própria. Como consequência sente-se alienado porque ninguém o compreende.

***EIN TISCH IST EIN TISCH*¹**

PETER BICHSEL
UMA MESA É UMA MESA

Vou contar a história de um velho, de um homem que já não diz uma palavra, tem um rosto cansado, demasiado cansado para sorrir e demasiado cansado para se zangar. Vive numa pequena cidade no fim da rua ou perto do cruzamento. Quase não vale a pena descrevê-lo, quase nada o distingue dos outros. Usa um chapéu cinzento, calças cinzentas, um casaco cinzento e no inverno o longo sobretudo cinzento e tem um pescoço fino com uma pele muito seca e enrugada; os colarinhos brancos ficam-lhe muito largos.

O seu quarto fica no último andar da casa; talvez tivesse sido casado e tivesse tido filhos, talvez tivesse vivido em tempos numa outra cidade. Com certeza que em tempos também foi uma criança, mas isso foi numa altura em que as crianças se vestiam como adultos. É assim que elas aparecem nos álbuns de fotografias das avós. No seu quarto há duas cadeiras, uma mesa, um tapete, uma cama e um armário. Em cima de uma mesinha há um despertador, ao lado jornais velhos e o álbum de fotografias, na parede um espelho e um quadro.

O velho dava um passeio de manhã e outro à tarde, trocava algumas palavras com o vizinho e à noite sentava-se à mesa.

Era sempre assim, até mesmo aos domingos. E quando estava sentado à mesa, ouvia-se o tic-tac do despertador, sempre o mesmo tic-tac.

Então houve uma vez um dia especial, um dia de sol, não muito quente, não muito frio, com o chilrear dos passarinhos, com pessoas simpáticas, com crianças a brincar – e o que houve de especial foi que o homem de repente gostou de tudo.

Sorriu.

“Agora tudo vai ser diferente”, pensou. Desabotoou o colarinho, tirou o chapéu, acelerou o passo, até flectiu as pernas ao andar e ficou contente. Chegou à sua rua, acenou às crianças, foi para casa, subiu as escadas, tirou a chave do bolso e abriu a porta do quarto.

¹ In Vormweg, H. (ed.) (1983), *Erzählungen seit 1960 aus der Bundesrepublik Deutschland aus Österreich und der Schweiz*, Stuttgart: Reclam, pp.153-157.

Mas no quarto estava tudo na mesma, uma mesa, duas cadeiras, uma cama. E quando se sentou voltou a ouvir o tic-tac. E toda a alegria se foi, pois tudo estava na mesma.

E uma grande fúria apoderou-se do homem.

Ele via no seu espelho que estava a ficar corado, viu que franzia a testa; depois cerrou os punhos, levantou os e bateu no tampo da mesa, primeiro só um murro, depois mais outro e depois começou a tamborilar na mesa, gritando constantemente:

“Isto tem que mudar, isto tem que mudar!”

E deixou de ouvir o despertador. Depois as mãos começaram-lhe a doer, a voz falhou-lhe, depois começou a ouvir de novo o despertador, e nada mudou.

“Sempre a mesma mesa”, disse o homem, “as mesmas cadeiras, a mesma cama, o mesmo quadro. À mesa chamo mesa, ao quadro chamo quadro, a cama chama-se cama, a cadeira chama-se cadeira. Mas afinal porquê?” Os franceses chamam à cama ‘li’, chamam à mesa ‘table’, chamam ao quadro ‘tablo’ e à cadeira ‘schäs’, e entendem-se. E os chineses também se entendem.

“Porque é que a cama não se chama quadro”, pensou o homem e sorriu, depois desatou a rir, a rir até os vizinhos começarem a bater na parede, gritando “silêncio”.

“Agora isto vai mudar”, gritou, e desde então, começou a chamar à cama “quadro”.

“Estou cansado, quero ir para o quadro”, disse ele, e de manhã ficou muitas vezes até tarde deitado no quadro a pensar, o que haveria de chamar então à cadeira, e decidiu chamar-lhe “despertador”.

Portanto, ele levantou-se, vestiu-se, sentou-se no despertador e apoiou os braços sobre a mesa. Mas a mesa já não se chamava mesa, chamava-se agora tapete. Então, de manhã, o homem levantava-se do quadro, vestia-se, sentava-se ao tapete no despertador e pensava, como haveria de contar isto a alguém.

À cama chamou quadro.

À mesa chamou tapete.

À cadeira chamou despertador.

Ao jornal chamou cama.

Ao espelho chamou cadeira.

Ao despertador chamou álbum de fotografias.

Ao armário chamou jornal.

Ao tapete chamou armário.

Ao quadro chamou mesa.

E ao álbum de fotografias chamou espelho.

Portanto:

De manhã o velho ficava até tarde deitado no quadro, às nove despertava o álbum de fotografias, o homem levantava-se e punha os pés no armário, para não sentir frio nos pés, depois tirava a roupa do jornal, vestia-se, olhava para a cadeira pendurada na parede, sentava-se então no despertador ao tapete e folheava o espelho, até encontrar a mesa da mãe.

O homem achava graça a isto e treinava o dia todo, e decorava as novas palavras. Agora todos os nomes seriam trocados: Assim, ele já não era um homem, mas sim um pé, e o pé era uma manhã e a manhã um homem.

Agora podeis continuar a escrever a história. E então podeis também, tal como fez o homem, trocar as outras palavras:

tocar é pôr,
ter frio é ver,
estar deitado é tocar,
estar de pé é ter frio,
pôr é folhear.

De modo a que então é assim:

Ao homem ficou o velho pé muito tempo a tocar no quadro, às nove pôs o álbum de fotografias, o pé gelou e folheou-se em cima do armário, para que ele não olhasse para as manhãs.

O velho comprou cadernos escolares azuis e encheu-os com as novas palavras; isso ocupou-lhe muito tempo e raramente o viam na rua.

Então aprendeu as novas designações para todas as coisas e foi esquecendo cada vez mais as designações certas. Tinha agora uma nova língua que só ele conhecia.

De vez em quando já sonhava na sua nova língua e depois traduzia as canções do seu tempo de escola para a sua língua e cantava as baixinho para si próprio.

Mas em breve também a tradução se lhe tornou difícil, tinha quase esquecido a sua velha língua e tinha que procurar as palavras certas nos seus cadernos azuis. E ficou com medo de falar com as pessoas. Tinha de pensar muito tempo para perceber o que é que as pessoas chamavam às coisas.

Ao que ele chamava quadro, as pessoas chamam cama.

Ao que ele chamava tapete, as pessoas chamam mesa.

Ao que ele chamava despertador, as pessoas chamam cadeira.

Ao que ele chamava cama, as pessoas chamam jornal.

Ao que ele chamava cadeira, as pessoas chamam espelho.

Ao que ele chamava álbum de fotografias, as pessoas chamam despertador.

Ao que ele chamava jornal, as pessoas chamam armário.

Ao que ele chamava armário, as pessoas chamam tapete.

Ao que ele chamava mesa, as pessoas chamam quadro.

Ao que ele chamava espelho, as pessoas chamam álbum de fotografias.

E chegou a tal ponto que ele não podia deixar de rir quando ouvia as pessoas falar.

Não podia deixar de rir quando ouvia alguém dizer:

“Também vai amanhã ao futebol?” Ou quando alguém dizia: “Já chove há dois meses.” Ou quando alguém dizia: “Tenho um tio na América.”

Não podia deixar de rir, porque não percebia nada daquilo.

Mas esta não é uma história divertida. Começou triste e acaba triste.

O velho de sobretudo cinzento, já não conseguia perceber as pessoas, mas isso não era o pior.

Muito pior era, as pessoas já não o conseguirem perceber.

E por isso deixou de falar.

Calou-se,

só falava para si próprio,

já nem sequer cumprimentava ninguém.

As alunas do 4º ano do Curso de Tradução e Interpretação Especializada, disciplina de Tradução de Textos Literários (Língua Alemã)

Alexandra Guimarães	Sandra Lebreiro	Lídia Ribeiro	Manuela Torres
Liliana Carvalho	Ana Martins	Carolina Ana Rita Ferreira	Carina Cerqueira
Diana Lima	Katia Uzun	Liliana Carvalho	Liliana Pereira
Marta Tavares	Maria Torres	Manuela Mónica Colaço	